

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE

PRISCILLA DE FÁTIMA DITZEL ROESLER

AS PULSÕES EM FREUD E SUAS VICISSITUDES NO MUNDO VIRTUAL

ESPECIALISTA EM TEORIA PSICANALÍTICA

São Paulo

2018

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE**

PRISCILLA DE FÁTIMA DITZEL ROESLER

AS PULSÕES EM FREUD E SUAS VICISSITUDES NO MUNDO VIRTUAL

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em Teoria Psicanalítica, sob a orientação da Profa. Dra. Julieta Jerusalinsky.

São Paulo

2018

RESUMO

No século XXI os aparatos eletrônicos passaram a fazer parte da cena diária dos indivíduos e também do setting analítico. O mundo virtual tem transformado a forma de vivenciar as experiências, principalmente as que tangem a constituição psíquica e moral, deixando os traços do mal-estar do nosso tempo. No decorrer do trabalho investigamos a trajetória da libido e das pulsões em consequência do uso excessivo dos gadgets, identificando preponderâncias às fixações no narcisismo primário e a pulsão de morte. Isto nos leva a considerar uma reflexão do manejo psicanalítico diante destes novos sintomas da contemporaneidade e dos sujeitos com seu Outro simbolizado nos gadgets.

Palavras-chaves: pulsões; mundo virtual; gadgets; narcisismo primário; pulsão de vida e pulsão de morte.

ABSTRACT

In the twenty-first century electronic devices have become part of the daily routine of individuals as well as the analytical setting. The virtual world has transformed the way of undergoing experiences, mainly the verge of psychic and moral constitution, leaving a trace of the unrest of our times. Throughout the development of this research we investigated the trajectory of the libido and impulses as a result of the overuse of gadgets, identifying preponderance to the fixation of primary narcissism and death drive. This leads us to consider a reflexion of the psychoanalytical handling in face of these new contemporaneity symptoms and of individuals with their Other represented in the gadgets.

Keywords: Drive; virtual world; gadgets; primary narcissism; life drive and death drive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. ATUALIZANDO... QUEM?	8
1.1 Flora – A adolescente na rede.....	10
1.2 João e Lucas – Pai/celular/filho.....	13
1.3 Vinícius – O celular quebrado.....	16
2. “ULTRAJOVENS” E O NOVO MAL ESTAR NO SÉCULO XXI	19
3. MUNDO VIRTUAL – ENTRE EROS E THANATOS	23
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

O uso de aparatos eletrônicos está cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos no século XXI. Os computadores há muito tempo deixaram de ser apenas uma ferramenta fundamental para trabalhar, assim como os celulares os facilitadores da comunicação móvel. Encontramo-nos diante de aparelhos ultrassofisticados que nos permitem um “*além de*”, ou seja, nos comunicamos de diferentes formas (e-mail, mensagens, redes sociais, aplicativos) “*além de*” ser um instrumento para trabalhar, jogar, ouvir música, pagar boletos, fotografar, filmar e registrar tudo, basta uma rede de internet para conectar-se a um mundo que não desliga.

Em 1970, considerada a época da revolução digital, os primeiros computadores começaram a chegar nos lares comum, com seus inúmeros cabos e devido seu tamanho volumoso precisava ser instalado em um lugar especial da casa. Disso, passamos para os *desktops*, os *laptops* e monitores *slim*. Para Chatfield, (2012, p.14), um estudioso da tecnologia, no intitulado *Como viver na era digital*, acrescentou “*Estamos, acredito eu, passando do mero “computador pessoal” e adotando o que pode ser chamado de “computador íntimo”, representando um nível inteiramente novo de integração de tecnologias digitais às nossas vidas”*.

De fato, vive-se uma relação íntima com esse “novo computador”, que ocupa um pequeno espaço em qualquer bolso. Chamados, então, como smartphones, tornaram-se uma espécie de acompanhante, com disponibilidade vinte quatro horas por dia e um guardião de informações e memórias.

Com a cultura de consumo, o fascínio pela velocidade da evolução das máquinas é potencializado, acompanha-se desde os estudos com a inteligência virtual e seus humanoides, até uma capa que possibilita o uso do celular durante o banho. A pós-modernidade instaurou a linguagem tecnológica, comunicando o paradigma da nova relação do homem com o objeto.

Para Lipovetsky e Serroy (2015, p. 405) a comunicação digital foi fundamentada como uma “desrealização avançada”, em que indivíduos da hipermodernidade prezam pelos encontros por meio de seus gadgets, ao invés de viverem a experiência do encontro carnal, em paradoxo, a aqueles que buscam as relações sociais na necessidade de compartilharem seus momentos nos aplicativos. O mundo virtual

mostra-nos esse novo meio de laço com o outro. Muitas relações acontecem na mesma velocidade que a evolução tecnológica, podem ser construídas e desconstruídas, com re/encontros e desencontros, nos milésimos de segundos do *touchscreen*.

Observamos crianças, jovens e adultos mergulhados na urgência de reconhecimento que circunda no espaço virtual, em consequência estamos diante de indivíduos mais ansiosos, impacientes, inquietos, de baixa autoestima e imediatistas. Mais evidente esses sintomas quando supostamente estão colados a identificações das *identidades virtuais*, em que um “desconectar”, chega a ser vivenciado como algo do insuportável.

Para Jerusalinsky (2017, p.16) essa excitação da ligação permanente, característico da era digital, pode resultar como mortificante para o indivíduo. O permanecer excessivamente “ligado” produz uma excitação que, longe de vivificar, mortifica o sujeito, pois suprime o tempo e o lugar para a elaboração.

Na concepção de Bauman (2017), diferentemente das gerações passadas, as angústias dos jovens não estão totalmente vinculadas às proibições extremas, terríveis e de fato reais, mas sim ao excesso de opções oferecidas pela suposta liberdade do consumidor. Há hoje uma cultura daqueles que “consomem” por meio do mundo virtual, enaltecendo uma imagem fantasiosa, deixando muitas vezes, em suspensão sua subjetividade. Para Han (2017), a valorização da exposição tem nos transformado em mercadoria.

O interesse nesse tema de pesquisa surgiu mediante questionamentos acerca do uso excessivo das redes sociais e dos aparelhos eletrônicos, tanto em meus atendimentos clínicos, quanto em percepção da influência desses gadgets na cultura contemporânea. Diante desse pressuposto, questionei-me sobre o processo psíquico envolvido nesse contexto, com capacidade de gerar novos tipos de relações, novos modos de sofrimento e também na alienação resultante dessas modulações.

Essa pesquisa de cunho exploratório pretende investigar a participação das pulsões no âmbito do uso desenfreado dos gadgets, segundo a teoria freudiana e autores contemporâneos. Realizando uma articulação do processo de operação da economia psíquica, com a hipótese do sujeito estar fixado ao processo primário, pois

nota-se o sujeito em estado de ambivalência diante de suas máquinas, em um engodo de prazer e desprazer.

Na obra de 1920, *Além do princípio do prazer*, Freud investigava os processos do aparelho psíquico. Em um primeiro momento o texto discorre sobre os conceitos, o *princípio do prazer* e *princípio de realidade*, e a importância da constância da economia libidinal, o mesmo afirma, “sabemos que o princípio do prazer é próprio de um funcionamento primário do aparelho psíquico” (Freud, [1920] 2011, p.165) é nesse sentido que o princípio da realidade deve intervir, no adiamento da satisfação, no qual o indivíduo necessita aceitar temporariamente o desprazer.

Certamente a retomada dos conceitos da teoria Freud associados a esses fenômenos sociais auxiliam a prática do atendimento analítico. Faz-se necessário a reflexão dos sintomas do homem da pós-modernidade, visto que, a internet e a tecnologia, em constante evolução, estão operando como suporte para cena diária. Acredito na importância do aprofundamento dessa temática pensando em estudos futuros em psicanálise.

Vale ressaltar que o objetivo não é considerar a tecnologia como a grande vilã que causaria sofrimento a uma geração ou como fator preponderante desencadeante da pulsão destrutiva, pois é factual que o desenvolvimento tecnológico também nos proporcionou muitos benefícios. Mas, na medida em que o laço social atravessa o sujeito, é preciso que se leve em conta quais as respostas subjetivas que se produzem diante de relações da era digital.

1. ATUALIZANDO... QUEM?

Quando o sujeito está imerso na sua rede eletrônica, ele vivência de maneira intensa as diversas possibilidades oferecidas por esse meio, entrando em uma espécie de jogo, dirigido por regras de cunho capitalistas e morais, com consequências para construção da subjetividade, e, portanto, de novos sofrimentos e novas patologias preponderantes da contemporaneidade.

A clínica psicanalítica, por sua vez, nos implica em olharmos para o que é da subjetividade em conjunto aos movimentos culturais e sociais atuais, para então, tecer uma trama condutora em sua prática, mesmo com um fio já conhecido. Sabemos que Freud desenvolveu os conceitos psicanalíticos diante ao mal-estar do seu tempo, foi um pesquisador inquietante em busca de respostas ao que tange sujeito e cultura. Entretanto, mais de um século nos distanciam do começo dos seus escritos e ainda germina a indagação ao que diz respeito a fusão da libido e o capitalismo.

É possível pensar, que a era digital tem deixado como herança uma marca de onipotência, principalmente ao considerarmos os aparelhos eletrônicos como agentes facilitadores do imediatismo, de qualquer ordem, seja psíquica ou não, e como um lugar de erotização do corpo, ao que se tornou perceptível essa entrada dos gadgets como suposto substituto do Outro, na experiência real do laço social e da eroginização do corpo. Há ainda, a dita sociedade transestética, termo de Lipovetsky & Serroy (2015), para descrever a hipérbole de estéticas sobrepostas que flutuam nesse campo com o criativo marketing capitalista “à disposição desse furo narcísico”, vendendo padrão, *prêt-à-porter*.

Lembremos que, em 1905 Freud escreveu suas descobertas sobre a teoria da sexualidade tendo uma concepção sobre a mesma como não estando restrita à genitalidade, e sim, dizendo respeito a toda a extensão de produção de prazer e desprazer pelo estabelecimento da pulsão desde a mais tenra infância.

Desse modo, iniciaremos o desdobramento da teoria freudiana pelo conceito do narcisismo, considerado uma das formas de investimento pulsional estruturante para vida subjetiva. Esses primeiros investimentos são realizados desde o nascimento, fator primordial para formação do Eu, tendo os pais, instaurados em sua

própria lógica narcísica, como responsáveis pela libidinização e erogeinização da “majestade o bebê”.

Entende-se que nesse processo, tido como a primeira fase do narcisismo, comportamentos podem ser fixados, com a economia libidinal voltados para à satisfação ou repressão, como assim é definido o narcisismo primário;

A evolução do filho do homem irá levá-lo não só a descobrir seu próprio corpo, mas também e principalmente a apropriar-se dele, a descobri-lo como lhe pertencendo. Isso significa que suas pulsões, em particular suas pulsões sexuais, tomam seu corpo por objeto. A partir desse momento há um investimento permanente do sujeito sobre si mesmo, o que contribui, de forma notável, para sua dinâmica e para participação das pulsões do eu e das pulsões de vida. (CHEMAMA, 1955, p. 139).

Portanto, na lógica neurótica, o funcionamento psíquico vai depender do Outro para construção da particularidade do sujeito desejante. Mas, estamos diante de uma problematização, origem da reflexão desse trabalho, esse Outro (supostamente substituído pelos gadgets sempre no on-line) é destituído de inconsciente (é um aparelho eletrônico), com ancoragem no funcionamento narcísico primário, ligados ao prazer imediato, a recusa de frustrações, a auto erotização, ao des-cobrir sua imagem ao espelho (selfie/perfil falso), e um não lançar-se às experiências reais.

Freud, ao falar sobre o desenvolvimento do EU, em *Introdução do Narcisismo*, coloca como necessário o distanciamento do narcisismo primário por meio do deslocamento da libido para um Ideal de EU -objetos externos- obtendo satisfação no alcance desse ideal. Seria então, uma passagem do EU (auto-erotização) para o EU Ideal.

Como síntese desse funcionamento temos de Freud a seguinte explicação, “Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil, outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do comprometimento do ideal de Eu); uma terceira da satisfação da libido objetal”. (Freud [1914]2010, p.48). Para o autor, retomar ao próprio ideal, na gênese das tendências sexuais, assim como ocorria na infância, está implicado ao desejo das pessoas em obter a felicidade.

Trazemos, a seguir, recortes clínicos desde o qual se problematizou essa questão.

1.1 Flora – A adolescente na rede

*Flora (nome fictício) é uma adolescente, de 16 anos, com três identidades no Instagram: a primeira com o nome verdadeiro para compartilhar o que ela considera bonito, feliz ou o as festas que participava nos finais de semana, fazendo questão de mostrar pelo seu insta Stories; a segunda com um nome falso para postagem de fotos sensuais, de lingerie, o qual defende questões feministas e a terceira, também com nome falso, para “coisas aleatórias, sem sentido, sem importância” (SIC). Nas sessões usa a expressão “**Olha, deixa eu te contar o que minha amiga fez**” (SIC), mostrando as conversas no WhatsApp toda vez que precisava falar de algo importante para ela. Flora, todas as manhãs, ao acordar, segue um ritual de **atualizar** suas redes sociais (Twitter, as três identidades, Instagram, Facebook e Snapchat) e **atualizar-se, olhando** as redes sociais de outros. Certa sessão fala, “Estou tentando não mexer no celular para não me machucar” (SIC). Ao ser questionada sobre o que poderia fazer sem celular, responde “**Conversar com as pessoas**” (SIC).*

Pensemos nesse recorte clínico, Flora fragmenta-se em três identidades, flertando com a pulsão escópica, destinando sua pulsão para o voyeurismo, no ver e ser-visto, olhar enquanto um ir-se a fora a outro objeto e a volta para si mesmo no intuito de ser olhado. O instinto ativo de olhar tem uma formação narcísica primária que a impede de viver a experiência real.

Percebe-se então, a adolescente constantemente colada ao seu dispositivo, repetindo o mecanismo de *atualização* (imperativo da hipermodernidade) do “olhar” como uma extensão dela, no engodo narcísico da contemporaneidade.

Para Flora, esses atos eram as únicas vias possíveis de experimentar uma experiência, “supostamente real”, tendo as redes sociais como o melhor, e talvez, único lugar para as descobertas de sua passagem da criança para a adolescência, construindo sua história imaginária.

Em texto sobre as *Transformações da Puberdade*, Freud (1905), aborda sobre essa passagem, nos dizendo, que o desprendimento da autoridade dos pais é considerado uma das realizações psíquicas mais dolorosas da época da puberdade, visto isso quando o adolescente se coloca em oposição à eles e investe na busca da

escolha de objeto sexual, simultaneamente, com a superação e repúdio das fantasias incestuosas da infância. Entende-se, a adolescência como momento de transição da passagem dos investimentos antes prevalentes genitais e autoeróticos, para então poder investir em sua meta sexual.

Lacan, no texto em que versa sobre o *Estádio do Espelho*, observa que o momento em que o Eu especular promove-se para o Eu social, há uma abstração realizada através do desejo do Outro, que passa por uma intermediação da cultura nesse eu primordial, governado pelo narcisismo primário, colocando-o então num primeiro laço social, o que será desenvolvido, no próprio complexo de Édipo. (LACAN, [1949]1998)

Nota-se que, na adolescência, além das transformações físicas o sujeito navega sobre o complexo de castração, menos real que simbólico (ao menos nas neuroses), ela refere-se ao falo, este imaginário, no qual a criança quer sê-lo para ter o desejo da mãe. Num primeiro momento do Édipo, logo, a interdição do incesto, num segundo momento retira-a da posição do falo, para a mãe, barrado pelo pai simbólico, ou seja, por uma lei de mediação. No terceiro e último tempo, o pai real, suposto falo para a criança, aparece e surge no desejo da mãe. Nessa rápida descrição dos três tempos do Édipo lacaniano conclui-se que a castração incide não só o não ser o falo, mas também não o tê-lo. Dinâmica de travessia constituinte.

É frequente observarmos, alguns adolescentes, que para se desprenderem da autoridade dos pais, usam seu corpo, como um novo significante na busca da construção das relações, para fazerem o investimento no Outro social, e assim, sentirem-se pertencente a algum grupo ou tribo, fazendo da identificação entre pares uma ilusão de saída para o conflito que experimentam ao se confrontarem com o imperativo de ocuparem um lugar social a partir de sua filiação, não mais desde a uma condição infantil, pelo qual os pais de carne e osso já não são mais imaginarizados como coincidentes aos ideais simbólico.

Vê-se, que Flora faz uso de um perfil, para postagem de suas fotos sensuais e de lingerie, no qual defende assuntos feministas (muito debatidos atualmente nas redes sociais), porém, mantém um nome falso, precavendo-se que, pelas postagens, ninguém descubra sua identidade. O que não deixa de ser uma forma de pertencimento, mas de quem?

Nessa dialética pode-se pensar nos *avatares*, - termo de Dunker (2017, p.123) em *Intoxicações eletrônicas* - e identidades de redes sociais que, ao serem incorporados de tal forma, viraram o corpo e o próprio eu, numa indeterminação da privacidade e da autenticidade.

No texto sobre a sociedade do cansaço, nos diz Han (2017, p.92), “o mundo digital é pobre de alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do *princípio de realidade*, que seria um princípio do outro e da resistência. Ali, o eu narcísico encontra-se sobretudo consigo mesmo”. Se o Eu é, nas primeiras concepções freudianas, tido como um eu corporal, seu câmbio seguinte do estágio narcísico primário ao estágio no qual a relação de objeto é possível, podemos ligar um estado de satisfação aos objetos que trazem sensações prazerosas e uma repulsão aos objetos que trazem sensações desprazerosas, em termos econômicos.

Segundo a explicação de Freud:

Logo, há uma mudança do Eu—realidade inicial, que distinguiu interior e exterior conforme um bom critério objetivo, em um purificado *Eu-de-prazer*, que põe o atributo do prazer acima de qualquer outro. O mundo externo se divide para ele em uma parte prazerosa, que incorporou em si, e um resto que lhe é estranho. (FREUD, [1915(1914)], p.54)

Ao falar sobre a adolescência, Rassial (1995) diz que, nesse momento da vida o referencial pulsional ocorre pelo olhar para a menina “porque o sangue das regras e o crescimento dos seios tomam sentido pela visão do outro, a relação ao outro se dá pelo olhar”. Com esse entendimento de experiência que a menina ao fixar-se em ser olhada pelo outro, que ela encontra sua satisfação.

Para Flora, nota-se a necessidade de ser impulsionada de forma escópica e voyeurista em suas satisfações, mas, não poderíamos pensar nesse recorte clínico como um episódio único dessa adolescente em detrimento ao que está intrínseco nos nossos tempos. Vejamos, Chatfield em 2015, oferece aos seus leitores dicas de como usar da melhor forma os meios tecnológicos, tanto para potencializar, quanto para não cair em sofrimento pelo que ele propõe.

A natureza da tecnologia digital é tão diversificada quanto a própria natureza humana e pode representar diferentes papéis em nosso cotidiano: facilitador, biblioteca, amigo, sedutor, conforto, prisão. Em

última instância, no entanto, todas essas telas mutantes são também espelhos, nos quais temos a oportunidade de enxergar nós mesmos e os outros como nunca antes foi possível. Ou, é claro, podemos desviar o olhar” (CHATFIELD, 2012, p.11).

O trecho acima nos coloca em reflexão, no mínimo intrigante, da relação da era digital e o homem, e, o Eu e sua subjetividade, na atualidade. Pode-se entender que, de fato, os aparelhos eletrônicos possibilitam o lugar de uma experiência de papéis, que carrega a ambivalência do prazer e desprazer encarnados. Mas, essa positividade implicada de nos olharmos ou olharmos aos outros como nunca antes, à um desviar esse olhar, como num simples “pisca”, diz-nos muito sobre a constituição dos novos hábitos civilizatórios, importantes para compreendermos o mal-estar do sujeito.

O mal-estar vivenciado por Flora pode ser descrito como uma proliferação de encenações, um teatro no qual ela pensa se investir. Mas, diante de todas as máscaras dos personagens que ela encena nas múltiplas personas exibidas pelas redes sociais, a quem ela se aliena?

Após o cansaço de expor faces, que ela pensa serem agradáveis aos outros, haveria de construir em análise um questionamento acerca da imagem que a sustenta e diz quem ela é, ao menos na sua intimidade. Se, mesmo no mito de Narciso, é preciso um outro que também olhe (Eco), ao menos ali a imagem é algo autêntico de si e, talvez trazendo *Flora* numa volta que faça com que ela se veja, seja possível fazer com que, de acordo com seu próprio dito, ela pare de se “machucar” ao tentar conduzir suas redes sociais que, de fato, dizem sobre o que ela é, mas vai mais no sentido do que os outros desejam dela, do que os desejos que dela surgem.

1.2 João e Lucas – Pai/celular/filho

João, 37 anos, filmava e gravava áudio das crises do filho, as enviando no mesmo momento para o WhatsApp da analista do filho. O pai, em sessão, ao ser questionado sobre o que havia percebido das crises de Lucas, responde de forma vazia, esperando que a analista o respondesse sobre essas cenas vivenciadas com filho. Lucas, com 06 anos, queixa-se durante as sessões, que seu pai fica constantemente com o celular na mão, além de sentir-se enganado pelo fato de seu pai dizer que usa o celular para trabalhar, mas afirma ter visto ele no facebook e

jogando. O menino chega para as sessões solicitando o celular da analista para fazer pesquisas de datas de jogos e assistir paródias de futebol no youtube. Seu brincar é pobre de repertório, acredita que suas dúvidas podem ser sanadas e tomadas como verdade somente ao que o “google responde”, agita-se (crises) na necessidade de acesso a recursos imaginários para apartar suas frustrações.

Tal recorte clínico, transcorre no campo libidinal por outros conceitos que pretendemos abordar, mas retoma o pressuposto dos aparatos eletrônicos estarem encarnados nas relações como um agente de função.

Podemos consideramos aqui, as relações - pai/celular/filho – pai/celular/analista – analista/celular/filho - essas tríades não operam exatamente como ordenadas e não são como a edípica freudiana (pai, mãe e filho), mas, têm um papel interrogativo sobre a frequência com que elas chegam no atendimento de crianças, essas, que estão em sofrimento ao procurar a direção na construção de laço com o Outro social.

Nesse contexto, e em outros do cotidiano na pós-modernidade, as imagens vêm tomando o espaço da palavra, assegurando como realidade ou como verdade apenas o que pode ser visto, o que resulta em prejuízos às construções simbólicas que permeiam a contemplação das vivências. Poderíamos nos ater a seguinte lógica empregada no recorte clínico citado, *“jamais seria melhor dito como no que está filmado”*, como imperativo de que tudo deve virar foto ou vídeo, ou seja, que linguagem é essa?

Aquilo que nos vem como filme faz uma ruptura ao simbólico necessário, tornando-se assim algo estéril e, ao invés de contar como um algo a mais, pode deixar opaca a fala parental ao serviço de substituí-la. Jerusalinsky (2009), faz uma ressalva sobre a vertente da saturação escópica nas intervenções psicanalíticas com bebês.

Mas clinicamente, de nada nos servem pilhas de filmes se isso que é dado a ver e capturado na película, não opera no enlace entre o corpo do bebê e a rede significante parental que sustenta sua existência. Tal leitura só pode se produzir em transferência com os pais e com o bebê, caso contrário, é clinicamente inoperante” (JERUSALINSKY, 2009, p. 25)

De certo modo, entende-se, que na prática clínica é possível extrair efeito disso que nos chega. A clínica de crianças, solicita o olhar do analista daquilo que também não é dito em palavras, como o brincar, os desenhos, as expressões corporais, e agora, com inclusão também da leitura de uma linguagem tecnológica.

Quando nascemos, não sabemos o que nos convém, somos radicalmente dependentes de um Outro, assim como a aprendizagem depende de uma identificação. Nesse sentido, Gueller (2017), ao falar das intoxicações eletrônicas, afirma:

Sem o papel de espelho do Outro, sem o amor e o olhar que unifica e dá vida ao nosso corpo, resta um organismo sem alma, embora alimentado e limpo, resseca. A subjetividade precisa de narrativa que só o outro falante engajado pode emitir. E a máquina não consegue falar no amor condicional, não sabe inventar ficções, não conjuga no futuro interior do “era-se uma vez”? (GUELLER, 2017, p.70)

Quando em 1921 Freud escreveu sobre *Psicologia das Massas* ele expôs o processo de identificação, e instituiu a instância do supereu, conceito em que o sujeito se constitui quando liga-se pelo afeto à outra pessoa, tomando-o como ideal, em geral essa figura cristaliza-se no pai. Interessa-nos, nessa construção teórica, o primeiro tipo de identificação desenvolvido por Freud, determinado como um papel na pré-história do Complexo de Édipo:

O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral); é tipicamente masculina. Mas harmoniza-se bem com o complexo de Édipo, e ajuda a preparar o terreno para este. Simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetal na mãe, do tipo “por apoio”. Ele mostra, então, duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe, um investimento objetal direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. (FREUD [1977]1921, p. 46)

Lucas, então, identifica-se ao pai, no mesmo tempo que, identifica-se à ligação do pai com o celular, o que disso foi construído na relação parental é replicado em sessão. Para Jerusalinky (2009, p.19) a criança na operação do psiquismo não equivale ao adulto e considera o período que corresponde a infância como “[...] *tempo próprio do polimorfismo de suas vicissitudes pulsionais e, portanto, com uma estrutura*

ainda não decidida, sendo a infância um momento que se caracteriza pela extrema permeabilidade a inscrições significantes”.

Ao que, verificamos nesse fragmento clínico, o perpassar da organização pulsional de Lucas em seu reducionismo, inscrito pelo uso excessivo do celular, que, necessita na transferência com os pais e a criança, de um direcionamento de outra ordem libidinal, que possa tramitar a palavra simbolizante.

Freud, confere lugar central ao pai quando em escritos de *Totem e Tabu*, retoma o complexo de Édipo no processo civilizatório como destino incontornável do humano, dito como o Édipo Universal. Dessa maneira, considerou-se, o pai exercendo a função de introduzir o sujeito na castração, relação do pai com a lei. Processo que muitas vezes deve ser trilhado por meio da análise em casos de crianças que padecem pelo excesso dos gadgets nos meios familiares.

1.3 Vinícius – O celular quebrado

Vinícius, 26 anos, entrava nas sessões com seu celular na mão procurando uma tomada para carregá-lo. Solicitava alguns minutos para responder mensagens. Quando o aparelho não estava com a tela quebrada, significava que ele tinha acabado de comprar ou ganhar um novo aparelho dos pais. Foram vários celulares novos, durante seu processo em análise. Ele quebrava seus aparelhos quando brigava com a namorada por mensagens no WhatsApp, justificava esse ato por ficar nervoso pela demora da namorada respondê-lo ou quando ele não conseguia entender as expressões das respostas dela. O celular na sessão também era usado como função de linguagem “acho melhor você olhar, não consigo falar exatamente como foi dito” (SIC). Quando o aparelho estava quebrado, notava-se sua desorganização corporal e psíquica como se ele estivesse “quebrado”.

Nesse recorte clínico vemos claramente a compulsão a repetição, a quebra sucessiva de aparelhos telefônicos é apenas uma delas, bem como sua contínua fixação a manipulá-lo. Mas se a compulsão a repetição não é algo agradável, porque insistência em mantê-la?

O texto os *Instintos e seus Destinos* ou *Pulsões e suas Vicissitudes*, Freud aponta três polaridades que dominam a vida psíquica, são as antíteses “*Sujeito (EU) – Objeto (mundo externo). Prazer-Desprazer. Ativo-Passivo*” (Freud, [1914]2010, p. 73). Notamos que Vinícius parece não se situar em sua própria forma de lidar com suas questões, ao afirmar que prefere que a analista “leia” em uma tela que não é ele, e sim seu celular, e considera-se impossibilitado de dizer o que realmente ocorreu na situação, protegendo-se pela tela de cristal líquido.

A compulsão a repetição, conceito que Freud vai ligar à repetição de sonhos traumáticos, ao brincar infantil e a transferência, é desenvolvido no texto *Mais Além do princípio do prazer*. No início da obra, ele interroga-se sobre a neurose traumática, associando-a às neuroses de guerra e aos sonhos de angústia e a repetição que os pacientes que sofriam dessas neuroses apresentam. A seguir, ainda sem respostas satisfatórias às questões anteriores, o autor examina como algumas brincadeiras comuns de crianças também apresentam o mesmo sistema repetitivo. Para ilustrá-las, observou o brincar de seu neto, de 18 meses, que manipula uma espécie de iô-iô, nesta o menino expressa um “da” (está aqui), quando tinha o brinquedo em seu campo de visão e um “o-o-o-o” (fort/embora), quando este desaparecia, intuindo um novo modelo de simbolização do brincar.

O lançamento do objeto, de modo que desapareça, poderia constituir a satisfação de um impulso, suprimido na vida de vingar-se da mãe por ter desaparecido para ele, tendo então o sentido desafiador: ‘sim vai embora, não preciso de você, eu mesmo à mando embora (FREUD, [1920]2010, p. 174)

Posteriormente, Freud recorda, da compulsão à repetição nas neuroses de transferência, e, ainda que parte dessa repetição possa ser explicada pelo princípio de prazer, em especial, aquelas lembranças reprimidas que são prazerosas para uma parte do aparelho psíquico, embora desprazerosas para outro.

Em suma, emprestamos do que versa Montoto (2013), no texto intitulado, *Como matamos a experiência*.

Contudo graças a imediatez permitida pelo celular (quando permanece ligado 24 horas e é carregado constantemente), perante uma agressão, o sujeito é tomado pelo processo primário para agir. Não há tempo cronológico para pensar, descartar as diversas possibilidades e menos ainda para planejar uma forma mais correta de pedir explicações” (MONTOTO, 2013, p.240)

Poderíamos entender aqui, que, a economia libidinal de Vinícius opera na ordem do processo primário, retornando ao princípio do prazer guiado pelo seu aparato tecnológico (ao que se tornou inseparável do *Eu*), além de, reagir imediatamente, ao que lhe é desprazeroso sem encontrar outra saída. Submetendo-se ao que Freud chamou de pulsão de morte, esse instinto, ocorre muitas vezes no processo de regressão, de forma discreta e silenciosa, no qual faz-se importante observar essa energia investida e na possibilidade de ser barrada pelo *Eu*. Para preencher algo faltante, mas investia grande parte da sua libido na pulsão de morte, como uma destrutividade masoquista.

2. “ULTRAJOVENS” E O NOVO MAL ESTAR NO SÉCULO XXI

“Eles resolvem a vida (para o bem e para o mal) pelo o celular, sorvem coisas da cor verde (comer virou questão de identidade), têm um pendor para medicamentos identificados com tarja preta, passam a noite em claro, não se sabe se estão relaxando ou trabalhando, gostam de empunhar bandeiras universais, mas se preocupam mesmo é com sua persona nas redes sociais, pensam igual a quase todo mundo da mesma geração, comporta-se como adolescentes apesar de terem idade de adultos, tecnologia é tão intrínseco como respirar, ser de esquerda é do jogo, ter o nariz em pé é condição do sine qua non, gostam do Insta Stories porque ele dura pouco, arriscam tudo porque tem pouco a perder, rechaçam qualquer coisa que contenha plástico, gostam de viajar para lugares onde podem mostrar novidades no Instagram. Eles são o que são ou são o que querem parecer ser?”¹

O recorte refere-se a matéria “O poder dos ultrajovens” para edição comemorativa de 20 anos da Revista Época (2018), que carregava como título da capa “A BOLHA DOS ULTRAJOVENS – Eles são os sem-hotel, sem-carro, sem joia, sem casa própria, sem fast-food, sem casamento, sem carteira de trabalho”, e, com letras destacadas na matéria, a) “A geração que vai romper (e já está rompendo) com tudo o que quis e se imaginou”; b) “Pesquisas mostram que pessoas maduras prestam dez vezes mais atenção contínua do que os ultrajovens classificados como nativos digitais. A performance deles equivale à de uma criança de 3 anos e explica a era da distração. Vale ressaltar que estavam falando sobre a geração que tem por volta dos 20 anos de idade.

Em *Totem e Tabu*, Freud, ao fazer referência à *Psicologia dos Povos*, defende a hipótese, de que, a passagem do processo psíquico tenha continuidade de uma geração à outra para o desenvolvimento progressivo desse campo, “Então surge duas questões: o quanto pode ser atribuída à continuidade psíquica na sequência das

¹ Edição nº 1039, São Paulo – 28/05/2018. Matéria: “O poder dos Ultrajovens”, escrito por Nina Finco.

gerações, e de que meios e caminhos serve-se uma geração para transmitir à geração seguinte seus estados psíquicos” (FREUD, [1912-1913]2012, p. 240).

Ainda na continuação dessa obra, afirma o autor, como necessário os ensejos da vida individual para que se tornem efetivas a herança de disposições psíquicas, e que, supostamente nenhuma geração é capaz de esconder eventos psíquicos relevantes daquele que a sucede, como via inconsciente desses costumes, assim como o que nos foi herdado do pai da horda.

Cabe aqui, nos situarmos sobre a herança inconsciente da atualidade, se, de geração em geração, o consumo dos gadgets tem se intensificado, como movimento massificado da cultura, que paradoxalmente busca por sua singularidade. Freud ainda nos diz que os indivíduos na massa, regridem, retorna ao que é do infantil, deixando livre o movimento da massa para manifestações das pulsões, carregam a baixa capacidade intelectual individual, são movidos pela ambivalência, podendo perder o censo crítico.

Ao que Orllenas (2017) atribui o uso abusivo como mal-estar contemporâneo, com suas características mais preponderantes nos fenômenos manifestos do “eu contemporâneo”, que seria, uma sociedade fadada à um culto extremo ao “eu narcísico, com consequências no modo de funcionamento social, pelo excesso de individualismo primário, regido por um “eu infantil” primitivo, ou seja, “se contenta em fechar-se alienadamente num castelo de ilusões primárias, reprodutoras de uma ideologia de consumo objetal ratificada pelo discurso capitalista.” (ORLLENAS, 2017, p.172)

Faz-se interessante alguns apontamentos sobre a subjetividade do indivíduo no processo civilizatório na era eletrônica. Primeiramente diante da nova forma de transmissão da história individual para o coletivo, com investimentos pulsionais no gravar/mostrar/olhar, e, confiar à *nuvem* suas memórias. O contemplar, talvez seja *outra história*, a que ficou no passado a ser elaborado nessa nova geração, o que talvez aí, pudesse ser um ponto de partida para circular a palavra. Há também uma fixação no prazer “instantâneo” e contínuo, adiando a passagem para a vida adulta, como se a bolha, fosse um viver no espaço uterino, na blindagem frente ao real.

Já, em *Mal-estar na civilização*, Freud discorre sobre o homem em busca da felicidade, mostrando-nos as oscilações entre os sujeitos de uma maior ou menor

dificuldade em experimentar prazer em paralelo ao nível de receptividade do desprazer, para ele “a satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta de maneira mais tentadora de conduzir a vida” (FREUD, [1930]2010, p.32), como bem citado por ele, as intoxicações químicas, foram uma das vias de busca de felicidade, mas, ressaltou seu alerta sobre as consequências à vida psíquica, no qual o gozo como imperador era uma fórmula que não se sustentava *ad eternum* desde a antiguidade. Na contemporaneidade, consideramos essa busca também nas *intoxicações eletrônicas*.

Nesse sentido, de intoxicação à dependência, a matéria cita o termo “Nomophobia”, que, muito em breve adentre em nossa clínica assim como vemos a bipolaridade, o TDAH, o autismo, etc., não desconsiderando esses casos, mas dito isso quando o sujeito inicia seu processo de análise apresentando-se pelo transtorno (eu sou um nomofóbico), ou questionando (você acha que eu tenho nomofobia?), afinal é mais um transtorno com “testes” disponíveis na *internet* para saber se a pessoa tem nomofobia, e em que nível poderá ser classificada. A nomofobia é um termo de etimologia inglesa, inspirado na expressão *no-mobili* “não celular” e adicionado a palavra grega *fobos* “medo, fobia”, para nomear o sentimento de angústia ou medo do indivíduo ao ficar sem celular, computador e/ou internet, o impossibilitando de se comunicar por meios social, o que pode levar à uma dependência patológica. (KING; NARDI; 2014)

Em *Mal-estar na civilização*, Freud (1930) coloca como inevitável compreender que o alicerce da construção da civilização é regido pela renúncia dos instintos de satisfação, ao que, se torna ainda mais difícil compreender como seria possível privá-los, pois ao não ser compensado economicamente, corre-se o perigo de consolidar graves distúrbios.

Sobre o manejo clínico nos nossos tempos, Ornellas faz um apontamento que vai de encontro com nossos pressupostos:

[...] o efeito revolucionário da Psicanálise na contemporaneidade é, ainda, garantir uma identidade para o sujeito falante, verdadeiramente simbólica, marcada pelo traço da diferença e do singular, na contramão dos efeitos de sideração social que engendram identidades puramente ancoradas no imaginário. (ORNELLAS, 2017, p 176)

Para Goldenberg (2017, p.79,84), a entrada dos gadgets na contemporaneidade não devem ser vistos como um *futuro catastrófico ou apocalítico*, tendo a tecnologia como parte da revolução em progresso, perdemos umas coisas e ganhamos outras, como ele diz, “tudo mudou o que não me parece um problema desde que seja pensado”. Sua visão nos coloca uma reflexão diante do manejo psicanalítico, no qual a eliminação dos aparatos tecnológicos da cena diária e até mesmo no setting terapêutico fica muito distante do real.

Ao que Goldenberg (2017) acrescenta:

Do mesmo modo que as partes esquecidas do sonho, as ditas “resistências”, fazem parte da análise do sonho, assim também os problemas de som e imagem, de fuso horário e de incerteza sobre se o outro permanece ainda na linha ou está me vendo, fazem parte da análise nestas condições novas, que não são menos “analíticas” por não estar o corpo do outro ao alcance da mão. (Goldenberg, 2017, p.84)

Logo, ao refletirmos sobre as mudanças na subjetividade, pautadas por um novo ornamento de significantes ligados aos gadgets, redes sociais e afins, nossas ferramentas de trabalho analítico continuam as mesmas, pois seja no real da vida ou no virtual eletrônico, ainda encontramos um sujeito barrado e dividido em si, ainda encontramos um inconsciente que se manifesta em atos falhos e sonhos e, mais ainda, encontramos um desejo que é posto em cenas novas, porém analíticas.

3. MUNDO VIRTUAL – ENTRE EROS E THANATOS

Na parte *IV de Além do Princípio do Prazer*, Freud começa a metapsicologia que ele mesmo diz ser uma forma de especulação, “As vezes especulação extremada” (Freud, [1920]2010, p.184), mas, talvez necessária para uma justificação duradoura e primordial concluída nessa obra. Dito de outro modo, tamanha universalidade de ocorrências, situações e frequências das compulsões à repetição que, em si, só podem ser denominadas como desprazerosas e angustiantes, não poderiam ser obtidas na plasticidade do princípio de prazer, mas num novo conceito, a pulsão de morte. Foi nesse texto de que Freud configura sua teoria das pulsões. “*A rigor é ao introduzir a pulsão de morte que Freud destaca o estatuto conceitual da pulsão em sua radicalidade [...] por um lado seu caráter conservador, restitutivo e, por outro seu aspecto repetitivo.*” (JORGE, 2000, p.61)

Segundo Roudinesco (1988, p.628), “*os termos *Trieb* e *pulsão* remetem, por sua etiologia, à ideia de um impulso, independe de sua orientação e seu objetivo*”, ao que podemos complementar segundo Hanns (1996), no dicionário comentado do alemão para descrever o termo *Trieb*.

O percurso do *Trieb* na teoria psicanalítica passa por níveis mais complexos: abrange a totalidade dum corpo integrado, inclui a síntese de pulsões parciais, bem como um amalgamento de pulsões contraditórias entre si, e implica uma circulação simbolizada. Considera aspectos econômicos, dinâmicos e tópicos em conexão com especialidades da história individual do paciente, bem como se liga a questão amplas da cultura. Envolve conceitos como representação (*Vorstellung*), o desejo (*Wunsch*), a sublimação e muitos outros temas fundamentais, que não se reduzem ao nível biológico. (HANNS, 1996, p. 35)

Freud faz referência a Eros e Thanatos, para falar sobre a potência do dualismo das pulsões, como no próprio amor objetal. A tensão interna da *pulsão de vida* (Eros) e *pulsão de morte* (Thanatos) em momentos podem transmitir na consciência sensações prazerosas e desprazerosas, obstaculizando a missão de viver. Versa Mezan (1986), que para Freud, o fenômeno da neurose é o resultado da frustração imposto às pulsões devido à sua entrada na cultura, e, quando um impulso é reprimido sua organização libidinal se transformam em sintoma e o que tange os componentes agressivos se transformam em sentimento de culpabilidade:

A civilização seria assim a causa última da neurose, e por essa dialética infernal, subtrairia cada vez mais energia do esforço coletivo, para aprisioná-las na associabilidade da miséria neurótica, comprometendo seu próprio futuro e trabalhando a favor de Thanatos pelos mesmos meios que crê servir a Eros (MEZAN, 1986, p.184),

Assim, partindo das ideias desenvolvida por Mezan, a partir de Freud, encontramos a dualidade pulsional na própria concepção de estar “online” e “off-line”, tal qual a pulsão de vida seria estar ligado nas redes sociais, primariamente, enquanto estar desligado dos aparelhos tecnológicos situasse a pulsão de morte. Notadamente, essa é uma cena que não se sustenta ao considerarmos que o excesso da ligação na rede levaria o sujeito menos a algo construtivo e vívido e mais a algo relacionado a Thanatos.

Seria interessante repensar a manifestação das pulsões que, como num gozo mortífero, se deslocam nessa fixação, partindo da pulsão de vida e digitalizando-se na pulsão de morte, dialética dos tempos da pós-modernidade. E ainda, versa Mezan, (1986, p.499) que o psicanalista, ao descortinar aos recônditos da vida psíquica, vem a descobrir que a cultura é o espaço das pulsões de morte.

Jerusalinsky (2017, p.32), sobre isso afirma que o efeito mortífero vem do excesso sensorial da era digital, na medida em que essa enxurrada perceptiva não é articulada em uma cadeia significativa “desde o qual possam ser experimentados como prazer ou desprazer de um sujeito não ultrapassado pelo vivido, e sim capaz de dizer de uma experiência”.

O movimento da clínica psicanalítica, nesse sentido poderia nos conduzir ao que diz Ornellas:

Apostamos nos princípios que regem a pulsão de vida e, conseqüentemente, aos que regem a condição de vida humana, isto é, de ser resiliente às diversidades do meio que tentam, terminantemente aliená-los e retirá-los da sua essência fundamental de: Ser de Desejo e, por sua vez, ser de falta. (ORNELLAS, 2017, p.176)

Ao alocar o papel de analista na função da desalienação, da singularidade e do refinamento da experiência individual, aposta-se num tecido da civilização que não seja da ruptura massificada da subjetividade, mas que, ao avesso, faça um laço social ligado a pulsão de vida.

CONCLUSÃO

O mal-estar sempre esteve presente na sociedade, assim como as enunciações dos novos sofrimentos, mas como em todo perpassar de uma época, o que faz um marco é da ordem ao que excede seus limites. Na contemporaneidade, com o uso desenfreado de redes sociais, jogos eletrônicos, os self-service cada vez mais velozes, os gadgets como suplência nas relações, têm nos deixado as marcas dos traços exacerbados de onipotência e alienação.

Nos fragmentos clínicos elucidados, verificou-se pai, criança, adolescente e adultos, navegando sobre uma cadeia constitutiva que advém da revolução tecnológica, somos sujeitos viventes ao que permeia o bordão “já nasceu conectada”, e, com ela observarmos os novos sintomas ecoando. Como comentado por Mena (2017, p. 224) “[...] *crianças e adolescentes tentam, com seus gadgets, precisam lidar com as mesmas questões que a contemporaneidade lança os adultos: lidar com a divisão subjetiva em um mundo que nega a castração através da ploriferação dos objetos*”

Essa garantia que os sujeitos pós-modernos aplicam, como num viver fantasioso, parece querer tapar a castração, ou seja, o que me escapa na realidade, dá vida a sensação de unidade que esse mundo oferece, com resquícios que esbarram nos conceitos do narcisismo, identificação e no princípio do prazer.

A psicanálise, diante dos novos sintomas, deve ser inventiva, é importante acolhermos o sujeito *com seu Outro simbolizado no aparato tecnológico*, para que possamos construir uma ponte que propicie uma melhor elaboração de suas pulsões arcaicas e destrutivas, e “lançá-lo” para experiências reais, de fato falíveis. Que os laços sociais possam sair do virtual e passem para o real e diante da palavra simbolizada poder metaforizar os percalços de um viver desconectado e ver a luz ao sair da caverna de Platão.

Os fenômenos descritos e fundamentados em termos metapsicológicos, agrupam-se em dois pólos que Freud sustenta a partir da relação entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, afinal, a conservação do indivíduo opera sobre ambivalência das sensações, prazer e desprazer, pulsão de vida e de morte. Esse intercâmbio de pulsões sustentarão todas as relações do indivíduo, sejam elas

marcadas por um aspecto mais construtivo e fecundo, nas pulsões de vida, sejam elas sentidas de forma mais negativa e destrutiva, como ocorre na pulsão de morte.

Se, no desenvolvimento da teoria das pulsões, Freud a intitulou como mitológica, não há como não ligá-las a própria mitologia do sujeito que vive nos tempos atuais, extremamente confuso e distinto de um tempo anterior. Hoje, mais além de uma existência libidinal a objetos reais, como uma libido ligada a outro ser humano, ou mesmo aspectos abstratos, como uma nação, uma ideologia ou uma religião, os gadgets e as redes sociais abrem novos caminhos possíveis para a trajetória da libido e suas pulsões.

Se, nossa falta é invadida pelos aparatos eletrônicos, que nos estabelece uma concepção de completude, esse sentido, quando interpretado a luz da psicanálise, nos conduz a postular o quão dividido estamos, tanto no mundo dito real quanto no virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHATFIELD, T. **Como viver na era digital** [recurso eletrônico]; tradução de Bruno Fiuza. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise/ Roland Chemama**. trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1955.

DUNKER, C. Intoxicação digital infantil. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Alma 2017.

FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer** [1917(1920)]. In: Obras completas, vol 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p,161-239.

_____. **Introdução ao narcisismo** [1915(1914)]. In: Obras completas, vol 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p,13-50.

_____. **O Mal-Estar na Civilização** [1930]. In: Obras completas, vol 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p,13-124.

_____. **Os instintos e seus destinos** [1915(1914)]. In: Obras completas, vol 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p,51-81.

_____. **Psicologia das Massas e análise do eu** [1921]. In: Obras completas, vol 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011. p,13-173.

_____. **Totem e Tabu** [1912-1913]. In: Obras completas, vol 06. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2012. p,13-155.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** [1901(1905)]. In: Obras completas, vol 06. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p,13-173.

GOLDENBERG, R. Reflexões de um Geek. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Alma 2017.

GUELLER, A. Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Alma 2017.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JERUSALINKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. Tese de Doutorado, Psicologia Clínica, PUCSP, 2009.

_____, J. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais.** Salvador: Álma 2017.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E. A. O que é Nomofobia? Histórico e Conceito. In: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Ed.). **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular?** 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2014.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador do eu.** [1949 (1998)] In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIPOVESTSKY, G.; SERROY J. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista.** 1.ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Cia da Letras, 2015.

MENA, L. O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais.** Salvador: Álma 2017.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura.** 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MONTOTO; C. Como matamos a experiência. In: SANTAELLA, Lucia; HISGALI, Fani. **Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura.** 1.ed. – São Paulo: Iluminuras, 2013 – 1. Reimp. 2016.

ORNELLAS, L. Singularidade e Diferença: como a psicanálise nos convida a pensar na contramão da lógica contemporânea global. In: BAPTISTA, A. (Org); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais.** Salvador: Álma 2017.

RASSIAL, J. **Hipóteses sobre a adolescência.** In: Adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, ano V, n. 11, 1995.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.